

# DEPARTAMENTO NACIONAL DE OCORRÊNCIAS SOBRENATURAIS



CLAUS BUGMANN ANNA ANDRADE

BRUNO DE DEUS EMIL SOU\_TOS GIU NASCIMENTO

HENRIQUE SUSIN SCOPEL NATY O. FERREIRA

NICOLE ANNUNCIATO

DEPARTAMENTO  
NACIONAL  
DE OCORRÊNCIAS  
SOBRENATURAIS

CLAUS BUGMANN ANNA ANDRADE  
BRUNO DE DEUS EMIL SOU\_TOS GIU NASCIMENTO  
HENRIQUE SUSIN SCOPEL NATY O. FERREIRA  
NICOLE ANNUNCIATO

## **Copyrights © do DNOS**

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida de qualquer forma, seja por meio eletrônico ou mecânico, ou arquivada em qualquer tipo de arquivo sem autorização expressa por escrito dos autores.

Revisão: Miah S. Kan-Po

Ilustração da capa: Fernanda Sartori

Capa: L Chagas Design

Diagramação: Anna Andrade

ASIN: B0DL1D55H7

# PLAYLIST

Aponte a câmera para o QR Code e confira a playlist no Spotify.





# DEPARTAMENTO NACIONAL DE OCORRÊNCIAS SOBRENATURAIS

A inquisição portuguesa caçou, assassinou e condenou diversas pessoas durante o Tribunal do Santo Ofício, que se estendeu desde meados do século XVI até a independência, em 1821. Uma antiga feiticeira, agora denominada Catarina, já que seu verdadeiro nome ela jamais revelara, vê na colonização do Brasil uma grande oportunidade de renovar ares, escapar de uma perseguição crescente, expandir seu conhecimento e, acima de tudo, na esteira da colonização, conseguir o domínio de um território ainda inexplorado através de sua magia.

Confessa crimes menores contra a Igreja Católica e é condenada ao exílio no Brasil, em 1806. Usa de sua vasta experiência acumulada aos séculos de vida e sobrevive sem maiores dificuldades no país, estudando, praticando e aperfeiçoando suas técnicas de feitiçaria com aqueles que aqui residiam.

Tudo muda com a chegada da família real portuguesa, em 1808. Infiltra-se entre os criados e passa a trabalhar na cozinha, aproveitando a oportunidade para conseguir artefatos valiosos que não conseguiria em terras brasileiras, reconstruir seu legado de magia, fundindo seus novos conhecimentos com tudo o que trouxera da Europa. A cozinha seria a porta de entrada para itens e ingredientes que não encontraria no Brasil, e a fusão de sua magia com tudo que vinha aprendendo a colocaria em um patamar de poder jamais alcançado.

Em setembro de 1822, D. Pedro I, após proclamar a independência do Brasil, sem um grande plano para a construção desse novo império, se encontra perdido e busca novas ideias que ajudem o Brasil a forjar sua própria identidade, especialmente para que consiga deixar sua marca nessa nova jornada como nação. Cerca-se de conselheiros nas mais diversas áreas: política, militar e religiosa. Contudo, sua maior conselheira se tratava de Maria Leopoldina, inteligente e bem articulada esposa. Os conselheiros serviriam, contudo, para conter possíveis revoltas dentro do novo império e também para polir sua imagem como imperador.

Catarina, de certa forma entediada e pronta para testar o alcance do seu poder, determina que o Brasil, como novo império, também precisa de seus próprios demônios, invoca um feitiço que abriria as portas do império para entidades dos mais variados cantos do planeta. Ela usou todo o conhecimento de suas andanças para trazer tudo de mágico que poderia haver em cada naco de terra que pisou. Ela estava pronta para construir o seu império de magia no Brasil.

Rapidamente as entidades se espalham por terras brasileiras e passam a assustar os habitantes do império e, sem distinção de cargo, credo ou condição social, se entranham nos palácios reais. O imperador, extremamente acuado com a nova responsabilidade, também tem seus próprios demônios. A coroa portuguesa sabia de seus pecados e não encontrou maneira de se livrar deles. O Palácio Imperial estava mal-assombrado!

A Igreja, como parte fundamental da construção desse novo império, a princípio tenta trazer as práticas da inquisição para o Brasil. Fato que foi repellido pela principal conselheira de Dom Pedro I, Maria Leopoldina. Dotada de um intelecto perspicaz, a imperatriz consorte compreende o quão eclético e ecumênico se tornara o Brasil ao longo de sua colonização, e entende que a imposição de uma única religião à força minaria a popularidade do recém-coroadado imperador. Não obstante, entende que essa pluralidade também povoara o império dos mais diversos seres sobrenaturais, e também entendia a necessidade de investigar e solucionar casos sobrenaturais no Brasil.

Ela tinha um plano intrigante, que sofreu resistência do imperador, mas sua capacidade de articulação era maior do que de seu marido. Maria Leopoldina se propôs a liderar um departamento do império, multidisciplinar, que seria responsável por investigar e combater casos sobrenaturais em terras brasileiras. Assim foi criado o Departamento Imperial de Ocorrências Sobrenaturais. O departamento, que tinha o comando da coroa, era composto também por padres, pela guarda imperial, por pajés, feiticeiros, candomblecistas, curandeiros, benzedeiros, boêmios e qualquer pessoa que fosse minimamente capaz de lidar com entidades sobrenaturais. Eles foram denominados Guarda Sagrada Imperial, ou somente os Sagrados. O nome tenta dar um verniz de pompa aos integrantes, que por sua característica diversa abriga até mesmo os mais degenerados habitantes do Brasil.

O grupo é instalado no Rio de Janeiro, em um palacete afastado da cidade, local onde concentrariam suas reuniões para trocas de informações e arquivo de artefatos sobrenaturais. Além disso, também contaria com subsedes espalhadas pelo Brasil, todas respondendo diretamente à coroa. Objetos e criaturas capturadas em cidades remotas ficam em suas subsedes até serem transferidos para o arquivo oficial da Guarda Sagrada Imperial.

O grupo, que necessitava se manter no anonimato, ganhou representantes por todo o país, todos em nome da coroa, mas com a devida recomendação de discrição. O império, apesar dos pesares, ainda era católico e não lhe caía bem ser visto comandando um grupo ecumênico, ou andando com pessoas que até outrora a igreja tentava atear fogo.

Com a Proclamação da República em 1889, o DIOS não foi esquecido, eles prestaram valiosos serviços ao império, e os militares não queriam dispensar sua ajuda. Fora rebatizado para DNOS (Departamento Nacional de Ocorrências Sobrenaturais). Os principais atributos foram mantidos, principalmente sua discrição. Andam pelo país em busca de ocorrências que humanos comuns não são capazes de solucionar. Hoje, de maneira praticamente autônoma, se assemelha mais a um clube de bizarrices

interdimensionais, porém estão sempre atentos aos perigos extraterrenos que assolam o país.

# PREFÁCIO



Não é de hoje que o mistério atrai a curiosidade dos mais ávidos por lendas urbanas. Devo confessar que eu mesma sou uma aficionada por histórias de terror.

Bruxas, feitiçeras, demônios e fantasmas, a existência de algum tipo de realidade além da física me atrai e permeia pelo imaginário de muitos. Narrativas orais, espalhadas mundo afora se tornam verdadeiras dentro da crença popular, instigando a curiosidade, mesmo que não haja um relato ocular do acontecido.

Como dizia Cortázar: *“um mundo sem medo seria um mundo seguro demais de si mesmo, mecânico demais”*. Um mundo sem mistérios e súper esclarecido talvez não faria sentido, então as histórias sobrenaturais que vivem no nosso imaginário e nos fazem temer acabam nos trazendo também entretenimento e sentido.

Mas o ser humano realmente está preparado para enfrentar o sobrenatural tão palpável batendo à sua porta?

Não digo sobre lendas criadas para divertir ou assustar, estou falando sobre histórias reais que há muito têm desafiado nosso imaginário a distinguir o que é lenda do que é real.

Acontecimentos inexplicáveis vêm tomando forma nos quatro cantos do Brasil há décadas. A presença de seres já tão conhecidos na ficção estão perambulando pelo nosso mundo e não há mais como negar sua existência. Até mesmo demônios tão temidos, narrados em sua forma mais monstruosa nas bíblias das cabeceiras das beatas mais fiéis, podem não ser só histórias para assustar os pecadores.

Existe mesmo um inferno? Ou o inferno é aqui?

O DNOS (Departamento Nacional de Ocorrências Sobrenaturais) foi criado no intuito de investigar e combater esses casos sobrenaturais que estavam invadindo as terras tupiniquins. Sua matriz, que ficava no Rio de Janeiro, em um palacete afastado da cidade, era o local em que se concentrariam as reuniões para trocas de informações e arquivo de artefatos sobrenaturais entre os integrantes do departamento que tinha o comando da coroa, liderado por Maria Leopoldina, e logo ganhou sedes por todo o Brasil, pois as Bruxas não habitavam mais somente as ruas de Salem, ou decorando fogueiras por ai! Elas estavam por aqui, e a cada dia não se escondiam mais.

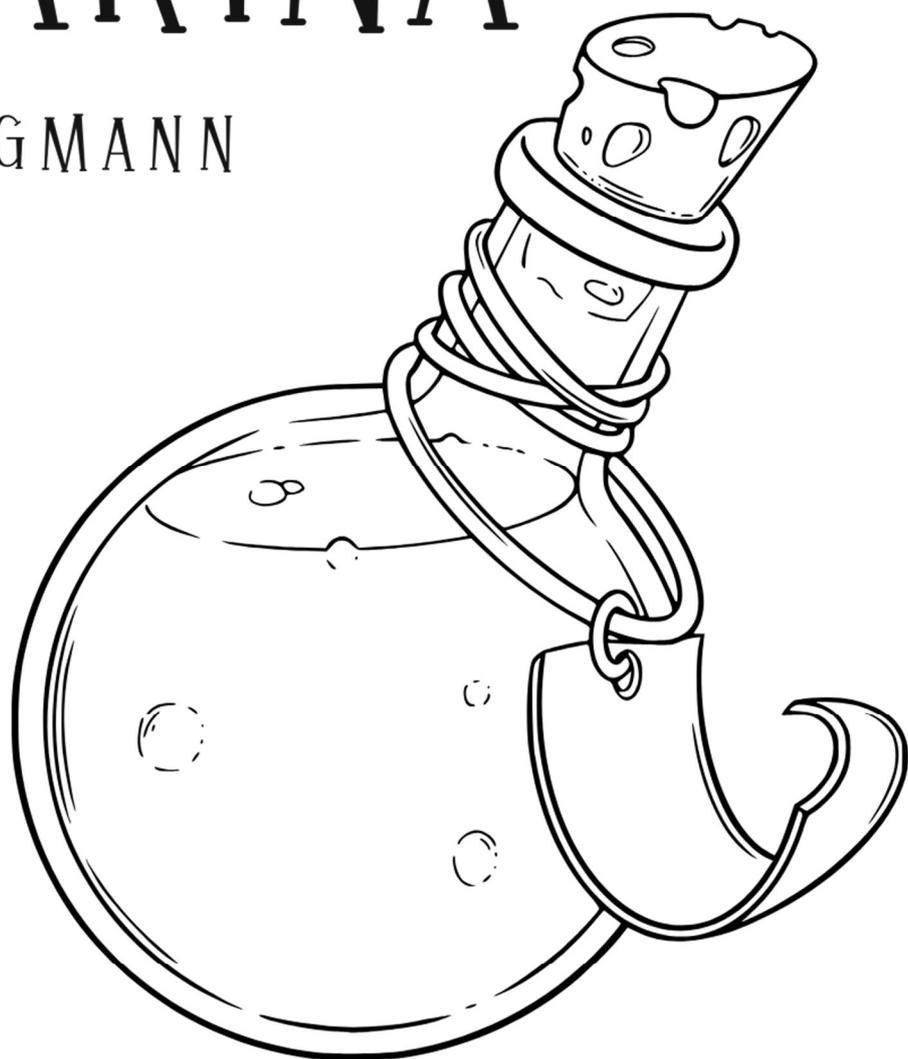
Com a Proclamação da República, em 1889, o DNOS não foi esquecido, mas ainda se mantém no anonimato. O departamento segue ativo, assim como contam as histórias, de não tão lendas assim, que autores tão talentosos nos mostram nesta *não-antologia* que

você está prestes a ler e se perguntar, assim como eu quando li: será que estou realmente preparado para enfrentar seres extraterrenos palpáveis batendo à minha porta?

*Daihany de Moraes*  
*Diretora editorial da editora FLYVE*

O  
ESPELHO  
DE  
CATARINA

CLAUS BUGMANN





# SAIBA MAIS SOBRE CLAUS BUGMANN

Claudiney Machado Bugmann de Sousa Aires, ou Claus, nasceu no interior do Piauí, em 1986, e mudou-se ainda bebê para Campinas, onde reside desde então. Coursou o ensino médio na escola Vitor Meirelles, onde passou a se aventurar pelas estradas da escrita. Um leitor sempre ávido, que começou a escrever as próprias histórias. Coursou Publicidade e Propaganda e hoje também se aventura na literatura. Tem um romance publicado pela Editora Flyve, A Guardiã do Livro das Sombras e diversos contos em concursos literários.



# SINOPSE

Catarina acorda acorrentada em um navio, presa pelo Santo Ofício Português. Porém, sua boa relação com o capitão do navio a faz terminar a viagem tranquilamente, sem maiores incômodos até seu destino.

De posse de um objeto mágico de muito poder, desembarca no Brasil, onde colocará seus planos malignos em prática: povoar o país com demônios de sua serventia.



# O ESPELHO DE CATARINA, DE CLAUS BUGMANN

## I - BOM DIA, CATARINA

— Ei, garoto, consegue um pouco de água para uma pobre mulher injustiçada? — fala Catarina com a voz baixa e o olhar tristonho. — Já estamos navegando há quinze dias e não sei se resistirei mais.

— O capitão disse que não devíamos nem ao menos falar com você. Alertou que é perigosa — respondeu, com uma falsa coragem, mantendo distância confortável das correntes que prendiam a mulher pelos braços. — E não estamos navegando há quinze dias, já estamos completando 48 dias.

— Interessante, jovem rapaz. Devo ter me confundido com as datas, aqui neste porão é tudo tão escuro, nem ao menos posso ver a luz do sol, nem por um instante que seja — Catarina se lamuria.

— Tem sorte de não ter ardido nas chamas do Santo Ofício. Se não fossem ordens diretas de Dom Carlos de te entregar para a corte brasileira, eu mesmo te mataria afogada. Enviada do Satanás!

A bruxa fora condenada pelo Santo Ofício a viver no Brasil, como pena por confessar seus crimes contra a igreja.

Ouve a empáfia do jovem marinheiro com desdém. Revira os olhos, entediada com a coragem que o garoto adquirira com a segurança que as correntes lhe proporcionavam.

Seu tédio fora substituído por euforia, com a informação que o rapaz trouxera. Pelo tempo de navegação, pouco faltava para desembarcarem. Ela se manteve praticamente imóvel todos os dias de sua viagem, presa pelos braços por correntes e com os olhos fechados, em transe. Não gostava de navegar.

— Chega, garoto! — disse com altivez, fazendo um pequeno movimento com os dedos, soltando as correntes de seu pulso.

O rapaz, com os olhos estatelados, mal podia acreditar no que eles viam. A bruxa, que passara quase todos os dias dormindo, havia escapado das correntes que a mantinham presa no porão do navio.

O marinheiro, muito católico, aceitara com orgulho a missão de levar para longe uma representante direta do diabo. Acreditava que garantiria um lugar no céu por ajudar a igreja com uma missão ordenada diretamente pelo Cardeal de Lisboa.

Catarina bateu nos ombros, tirando a poeira e a sujeira acumulada com o tempo.

— Espero que isso não seja merda de rato. Este lugar está putrefeito.

O marinheiro, indelével em sua missão, sacou do seu cinto uma pequena faca.

— Parada, bruxa, você não pode sair!

Catarina piscou repetidamente, e sorriu para o garoto:

— Você tem coragem, posso ver no seu coração. Caso algum dia queira um trabalho melhor do que essa infestação de solidão e ratos, pode me procurar no Brasil. Só que agora eu não tenho tempo pra você.

A bruxa fechou o punho direito e abriu, dando um sopro em direção ao jovem marinheiro, que caiu desfalecido.

Catarina passou por cima do rapaz com uma única passada larga. Sem olhar para baixo, disse:

— Você vai saber onde me encontrar.

Atravessou a porta no fim do porão, subindo as escadas em direção ao convés.

Uma vez no topo da escada, em contato com a brisa do mar, acalentou-se com o vento batendo em seu rosto. A luz do sol incomodava, fazendo-a apertar os olhos.

Sua visão turva só permitia que observasse vultos, sem distinguir os rostos. Não que fosse de total importância. Concentrou sua parca visão para a popa. No alto, observou, no controle do timão, quem ela procurava.

Respirou fundo, aproveitando mais uma vez a lufada de ar fresco que o mar lhe oferecia e caminhou calmamente pelo convés. Tendo sua paz interrompida por um único e desesperado grito.

Um marinheiro atônito, paralisado, que reuniu o pouco que lhe restou de coragem e berrou a plenos pulmões:

— A bruxa fugiu! Preparem-se, precisaremos lutar, marujos!

Catarina interrompeu sua caminhada pelo convés, entrelaçando os dedos, com as mãos apoiadas na barriga. Dirigiu o olhar para o capitão, que permaneceu no timão.

— Augustin, você precisa controlar melhor sua tripulação ou eles podem se machucar gravemente.

Com um estalar de dedos, os tripulantes foram levados ao chão sem reação. O barulho dos mosquetes se chocando contra o convés se repetiu dezenas de vezes, arrancando um sorriso de satisfação de Catarina.

Do alto de seu castelo de popa, Augustin observava, despreocupado.

— Catarina, pretende fazer todo o trabalho da minha tripulação?

— Eles vão ficar bem, eu podia ter arremessado cada um desses pobres rapazes no mar. Esta hora poderiam ter virado comida para os tubarões.

— Sobe até aqui, sua velha bruxa — disse o capitão, acenando para a mulher no convés. — Finalmente acordou — prosseguiu.

— Você sabe que eu odeio o tédio de grandes navegações, velho pirata — respondeu ao deboche do capitão.